

TECNOLOGIA E HUMANISMO

ENFOQUE PSICOLÓGICO

O FUTURISMO COMO OPRESSÃO

PSICÓLOGO JOSÉ M. LOPES NETO

* Sobrecarregar as mentes de questões sobre o futuro, esta parece ser uma das situações que mais desgaste provoca no dinamismo psicológico das pessoas. Ainda que de maneira inconsciente, a grande maioria dos seres humanos está preocupada com alguma forma de "amanhã". Se há uma crise atual, de alguma forma ela se refere ao futuro. Aliás, uma grande parte de nossas vivências decididamente remete um grau qualquer de investimento no futuro. Pouparamos mais por "neurose-de-futuro" do que por necessidade econômica. Vive-se para o futuro, como se a verdadeira vida fosse amanhã. No entanto, nem sempre o futuro acontece de modo gratificante. Quase sempre é frustrador...

Detestamos dizer que grande parte da culpa por essa situação se encontra no agigantamento dos processos tecnológicos. Os objetos criados pela tecnologia avançada imprimem nas pessoas um fator de angústia devido ao tipo de estímulo e ao elevado índice de resposta que produzem. Quando o agricultor não tinha uma colheitadeira para a sua safra, a sua ansiedade, quanto ao futuro, era bem menor. Com uma supermáquina de colheita, gerou-se uma expectativa de produção muito maior: é preciso uma

super-safra, também. A máquina impõe um novo processo de vida. A televisão castrou o diálogo. Exige a atenção de todos e, ai de quem falar! O microcomputador gerou a "angústia cibernética": uma espécie de incorporação mágica de tecnologia como condição sine-qua-non para "ser atual" e fugir à obsolescência. Os nossos sentidos todos sofrem o bombardeamento direto das máquinas, num verdadeiro festim canibalesco. O impulso tecnológico impensado viabiliza uma espécie de "terrorismo existencial", chocando as mentes e provocando o conhecido "stress". Aliás, mal este mais comum nas pessoas que vivem muito preocupadas com o futuro. Tais pessoas de modo geral estão sempre "com muita pressa" (rumo à cova). A vida — que era para ser vivida e humana —, passa a ser um "projeto". Diga-se de passagem, apático e aborrecido. As mutações constantes, profundas e aceleradas, fomentadas pela tecnologia não planejada, ocasionam irregularidades nos mecanismos de adaptação do Ego: não há possibilidades de assimilação de um processo quando o tempo necessário para a sua elaboração psicológica é incompatível. O cérebro humano recusa-se a codificar uma mensagem se ela não estiver durante um certo limite de tempo sob o crivo da per-

cepção. Caso o cérebro não a “codigite”, há um subsequente retorno da informação para um nível de atenção. Se a informação ainda assim não atingiu um “minimum” de permanência, rompendo o equilíbrio gestáltico do “cogito em forma de fechamento”, aparece um quadro de angústia ou frustração na pessoa. Ora, o ritmo acelerado de informações e estruturas novas para assimilação é tão desmedido e avassalador, que uma grande fatia da realidade nos passa despercebida, por puro mecanismo psicológico de negação por impossibilidade de um “fechamento” da percepção. A tecnologia, criando novos espaços e um novo “fator” condicionante da realidade, satura o aparelho psíquico de tal maneira que o Ego cria uma máscara de assimilação e humanização. A máquina é desumana à medida em que impõe um ritmo ao homem a ponto de desqualificá-lo como humano. Assim, um professor, também, é desumano quando exige do aluno um ritmo de aprendizagem além do limite aceitável de sua elaboração. O aluno se “maquiniza”, vira robô. A máquina é um aparelho ajustável. A sua calibragem precisa sempre ser definida pelo fator humano. No entanto, a sede de progresso e futurismo cria esquemas de trabalho que deterioram o corpo e a alma das pessoas. Alguns filmes e obras-de-arte têm mostrado com gabarito esta realidade dolorosa dos “tempos modernos”. Nessa perspectiva, a máquina não tolera erros ou humanidade: impõe despoticamente o seu ritmo, conduz ao discurso da ideologia subjacente. O ser humano tem arbítrio para colocar o seu “NÃO” em qualquer momento desse processo. Contudo, o que preocupa mais é o alto índice que o materialismo desenvolvimentista consegue na manipulação desse “não”! A subserviência do conformismo agudo é o retrato dessa condição, o império do “SIM”. A aceitação se transformou quase que numa nova lei, num novo código de conduta. Tudo em nome de um futuro promissor...

A apatia atual

As gerações já, há algum tempo, vêm sofrendo de apatia crônica. A apatia é um sintoma de outra doença maior: A depressão e a agressão. Os jovens se caracterizam basicamente por estas duas situações: ou estão deprimidos ou estão agredindo. Fogem dessa realidade pelo álcool, tóxicos ou rituais absurdos. Não conseguem integrar, em suas personalidades, o ritmo acelerado do progresso. Com o tempo, uma nova doença se instaura: a paranóia! Sentem-se perseguidos e miseráveis entrando em comportamentos desagregadores. E a tecnologia pode lhes servir de “tóxico” para esse padrão novo de

vivência. Fogem ou se defendem de uma dor maior através da assimilação psicótica de um modelo tecnológico de vida. A televisão, e os roteiros propostos por ela, atinge em cheio a essa demanda dos jovens. E, já no decurso da infância, se instaura a apatia: a criança passa horas e horas apaticamente em frente ao receptor. Porém, guarda, fragmentariamente, a mensagem de consumo, que é a parte subjacente da tecnologia. Recebe uma promessa de prazer e felicidade por este e outros veículos de comunicação. Aos poucos vai descobrindo que era tudo falso, mágico e ilusório. Há o retorno da apatia ou, apenas a consciência de que ela sempre existiu ali, nele. Surge a depressão e a agressão. Logo depois, a paranóia. A renda captada pelo processo tecnológico impede que esse ritmo doentio seja rompido. Pior ainda, o reforça cada vez mais, pois sobrevive e depende dessa situação. Quanto mais apatia e depressão melhor será: haverá mais consumo como resposta. Por isso, podemos dizer sem receio, que há nesse processo uma “loucura controlada”. E isso é irreversível!

Uma pessoa de bom senso não se oporia em reconhecer o absurdo do atual modelo de desenvolvimento. Os gastos anuais em armamentos giram em torno dos 250 bilhões de dólares, soma esta igual à renda nacional TOTAL de todos os países em que vive a maioria da humanidade. Alguns governantes justificam, dizendo que este é o preço da PAZ. Preço da paz ou da loucura institucionalizada? É a pura insensatez da paranóia tecnológica. Que paz e progresso é este que custa em medida terrível, que mais de dois bilhões de pessoas vivam em precárias condições de vida, em níveis de nutrição abaixo do mínimo aceitável? A tecnologia tem trazido resultados entusiasmantes, é verdade. Porém, a tecnologia é ambivalente. De um lado há o incrível benefício que traz a toda humanidade; de outro, resulta numa incomedida saturação de recursos destruidores.

Esforços humanizadores

Sabemos que qualquer esforço de solução dos problemas da humanidade só apresentam êxito em suas soluções, se as relações internacionais se tornarem menos tensas e a ameaça de uma guerra total não se torne num processo irreversível, e se as enormes quantias hoje canalizadas para armamentos e estados militaristas, não forem gradualmente dispostas a serviço do desenvolvimento humano. Fala-se em tecnologia mal usada, nos desastres ecológicos, no investimento brutal em projetos de guerra, no esbanjamento de recursos naturais que le-

varam bilhões de anos para serem formados. A Terra toda está entregue, indefesa, nas mãos do homem. Critica-se isto tudo, surgem movimentos ecológicos, protestos. Mas, os modelos propostos são sempre muito amplos e universais. O indivíduo, mais do que a sociedade e a natureza, é o maior prejudicado! É bom se ter em conta que, em algumas sociedades onde a indústria e a tecnologia estão firmemente estabelecidas, há uma privação de indivíduos e grupos de influenciar suas condições de vida e, conseqüentemente, o seu próprio destino. Que desenvolvimento é esse, então? Que futuro é esse? Uma tecnologia para a desqualificação do humano? Parece que a aspiração de humanizar a vida nessa nossa biosfera se transforma, cada vez mais nitidamente, em "discurso vazio", inoperante! Alguns círculos sustentam que o crescimento industrial, tendo como modelo certos centros norte-americanos ou europeus, traria por si só uma melhoria geral das condições humanas, onde cada nação teria liberdade para escolher o que melhor lhe convier. É preciso analisar tudo, ver os fatos, as características locais e, então, conferir se isto é verdade. Uma abordagem simplista e impulsiva dos modelos de fora sempre colocam em risco as idiosincrasias do local. E os efeitos podem ser desestruturadores. O esforço humanizador depende de um controle razoável do efeito devorador da novidade que vem "de fora". A novidade, de fato, alimenta a doença-da-apatia. Logo, segurá-la não é fácil, mas é urgente!

Humanismo, Já?

De imediato o humanismo precisa que, nos países em desenvolvimento, se crie uma infra-estrutura para a tecnologia e para a ciência. Os países mais carentes necessitam desenvolver o seu próprio potencial científico e tecnológico, sem o que não haverá um desenvolvimento autêntico, mas sim, um constante improviso de técnicas transplantadas, que não consideram as verdadeiras carências do local natal. O humanismo dentro da tecnologia deve fundamentar-se nas experiências vivenciadas dentro do próprio campo fenomenológico de uma nação, com tomada de consciência de sua civilização, tradição e valores. O desenvolvimento científico-tecnológico, como política de desenvolvimento, divorciados de compromissos com o progresso seletivo de humanizar o social, produziu em vários setores um sentimento de "frustração" e "desilusão" e um apelo pela contenção da ciência e pela "domesticação da tecnologia", chegando a provocar temor e ódio pela ciência e pela tecnologia em geral. A ciência e a tecnologia são exemplos das grandes manifestações da in-

teligência humana. Porém, urge que se retomem sempre os processos fenomenológicos dessas estruturas e que se criem constantes conceitos e padrões novos para uma estratégia de longo alcance. A evolução permanente e coerente dessas duas categorias do conhecimento alcançarão melhores resultados se medirmos sempre o progresso com o crivo da nossa sensatez e boavontade. Só assim teremos uma tecnologia que considera todas as necessidades sociais — conceitos e estratégias — que, em seu próprio progresso racional, não se afastem da orientação humana e dos valores fundamentais da vida. A tecnologia, como fruto do homem, será uma boa ou má tecnologia, dependendo sempre da orientação que se der aos seus conteúdos latentes. O átomo sempre foi uma bomba atômica desde o nascimento do universo. O homem simplesmente cria um paradigma tal, que permite um novo arranjo na ordem natural das coisas, inibindo ou liberando novos elementos ou estruturas. A maldade sempre está no uso que se faz dos fundamentos da ciência. Na realidade o universo esperou bilhões de anos pelo homem. O homem é a figura mais incrível e importante do cosmo e, de uma maneira ou outra, ele acabará regendo toda a ordem de coisas que possa haver. Seria infantilidade não ver isto. Sabemos perfeitamente que uma guerra total pode facilmente abalar a estrutura do nosso planeta e, em escala cósmica, destruir o próprio sistema solar. E do sistema solar à galáxia toda há apenas um passo. Nesse contexto cósmico da tecnologia e seu uso, o ser humano passa a ser o juiz e o carrasco. Cada um de nós será cúmplice do extermínio da espécie humana. Basta nos omitirmos de deveres básicos.

Basta cruzarmos os braços insensivelmente para a devastação que se faz da natureza e do psiquismo humano! O que está em jogo não é a mera sobrevivência da espécie humana, mas a sobrevivência de todos os seres vivos. Se o homem deseja realmente harmonizar a sua vida com o restante da natureza que o cerca, precisa selar com obras um contrato permanente de respeito, vigilância e amor pelos direitos de todos os seres que estão aqui, agora, de tal modo que se lhes dê um sentido humano para a vida e para a morte. Porque morrer sem um sentido para a morte também não é justo e digno. O sentido da vida e da morte só tem harmonia entre si quando se encontram ligados estreitamente pelo vínculo do amor. Amor que dá a luz e a razão ao sentimento e ação, impossibilitando qualquer articulação ou presentificação de medo ou desespero. Qualquer tecnologia que ponha em risco o sentido humano da vida e desqualifique o potencial transcendental da morte deve ser rigorosamente examinada e, em última instância, ser convidada a retirar-se do sagrado recinto da Experiência Humana!

Ritual Mágico

“A incorporação do ego masculino por parte de uma mulher gera uma bruxa” — A. Lowen. A incorporação de uma tecnologia mal conscientizada gera um culto mágico. As fronteiras entre o real e o mágico são muito tênues quando se trata dos efeitos de uma tecnologia. E facilmente começamos a genuflexar a um tabu de fundo tecnológico, criando expectativas nada realísticas quanto às possibilidades de um aparelho ou técnica específica. Há uma tendência a se perceber, de maneira “mística”, um evento científico novo que sugira grandiosidade ou mistério. Por isso as feiticeiras sempre obtiveram sucesso e prestígio; sempre usaram recursos técnicos de alta dramaticidade e espetacularidade. Tal recurso sempre permitiu uma maior manipulação da percepção e do sentimento e com conseqüente reforço do seu poder como feiticeiro. Tal bruxaria ainda sobrevive nos ritos tecnológicos. E tais ritos são fundamentais para criar o “espaço sagrado” onde os “bruxos” manipulam os eventos científicos e o discurso do poder. E logo acaba-se por pedestalizar a tecnologia caindo-se em arcaísmos à cultura do novo “totem”. Em verdade, a tecnologia toda pode, em certos momentos críticos do desenvolvimento, assumir um caráter de transcendentalidade, preenchendo o vínculo com o nosso “irracional” psicológico. Irracional que geralmente se nega, permitindo que a articulação do arquétipo primal melhor se realize: o feitiço e o bruxo! Dessa maneira, o atavismo com o arcaico é orientado para a consumação da tecnologia, em meio a complicados rituais de evocação do “tabu”. A nível de inconsciente, saturamos o psiquismo de tecnologia mágica para alimentar o tabu primário. Ora, nada mais humano! Os homens precisam de tabus e de vínculos com o arcaico. São raízes primitivas que carregamos todo o tempo. Porém, tem uma conotação de perigo, já que transforma a tecnologia no “novo arcaico”, na presentificação do “elo totêmico e arcaico”. E, por paradoxo, é a sobrevivência do eterno discurso do “irracional”. Mas é um irracional altamente “sagrado”. E, o perigo maior! — a tendência compulsiva em reatar o processo atávico do primitivo. Surge disso uma nova religião, sempre. A mente humana está incessantemente à procura de “deuses” e, uma tecnologia mistificada será sempre uma isca muito fácil e próxima para uma descarga do inconsciente mágico e arcaico. O quadro resultante será uma confecção muito elaborada e sutil de fanatismo científico. Fanatismo que se nutre de rituais — um congresso de cientistas não é muito diferente em estruturas de um ritual tribal em torno de um culto ou do fogo primitivo —, e racionalizações — teorias apresentadas

para justificar o irracional da nossa natureza. É preciso, aqui, lucidez, julgamento firme e bom senso. Não nos enganemos quanto ao nosso futuro se mal usarmos a tecnologia. Geralmente, “as bruxas acabam em fogueiras...”. A tarefa dos esclarecidos, dos intelectuais, dos cientistas, dos que podem manter com seus conhecimentos ou postos, as mentes em vigília constante, sua tarefa é lutar, evitando a mistificação da ciência e combater o aparecimento de “rituais tecnológicos” que impregnam a ciência e a humanidade de aspectos mágicos. Sabemos como isso é algo forte. Técnicos e cientistas da NASA usam pés-de-coelho e outros amuletos por ocasião dos lançamentos de foguetes ao espaço exterior. A superstição, a bruxaria, o fantástico e maravilhoso, o fanatismo e a ignorância, cavalgam sempre juntos, sobre a besta da mistificação. Concorrem para o surgimento de uma tecnologia do absurdo, do irreal, do mágico e arcaico; cuidado com isto, pois cientistas e técnicos não estão imunes a este fator inconsciente de tão forte influência. “O diabo na rua, no meio do redemunho”.

O incomensurável uso da tecnologia por mãos ambiciosas coopera para a desagregação do pensamento racional e proliferação de tabus. Há que se exorcizar tudo isso.

Homens e Máquinas

Calibrai as vossas máquinas,
homens!
Permiti que o vosso servo respire!
Dai um só olhar ao que tem o ferro e
o aço a lhe dobrar as costas!
Tende piedade daquele que suspira na
beira da fornalha!
Oh, tende muita calma com aquele que
olha o relógio e chora,
E dá o peito e coração para as lágrimas
que se misturam à graxa!
A esperança de liberdade nunca morre:
Por quê! Por quê, máquinas!
Oprimis o ser humano?!

J.M.L.N.

Livros e Revistas Consultados:

- “As Cerimônias da Destruição”, Eduardo Kalina e Santiago Kovadloff;
“O Corpo Traído”, Alexander Lowen;
“O Prazer, uma abordagem criativa da vida”, A. Lowen;
“Grande Sertão: Veredas”, C. Rosa;
“O Choque do Futuro”, A. Toffler;
“O Desafio do Futuro”, D. Gabor;
“Discurso Sobre A Violência”, G. de Mello Kujawski;
“O Correio”, n.º05 e 09;
“Psicologia do Comportamento”, n.º09;
“Stresse”, n.º09.